

CHAT

De Gustavo Ott

Tradução: Rodrigo Dourado e Wellington Jr.

ADVERTÊNCIA: Todos os Direitos para montagem no Teatro, Rádio, Cinema, Televisão ou Leitura Dramática estão reservados tanto para Companhias Profissionais como Aficionados. Os Direitos e permissões devem ser obtidos através da ABRAMUS. Todos os direitos reservados. Estão especialmente e terminantemente proibidos os seguintes atos sobre esta obra e seus conteúdos: a) toda reprodução, temporária ou permanente, total ou parcial, por qualquer meio ou qualquer forma; b) a tradução, adaptação, reordenação e qualquer outra modificação não autorizada pelo autor através de seu agente; c) qualquer forma de distribuição das obras ou cópias da mesma; d) qualquer forma de comunicação, exibição ou representação dos resultados dos atos a que se refere a alínea “b”; e) fica expressamente proibida a utilização de outro nome que não seja o do autor como responsável por esta obra, em especial, as formas “versão de” ou “adaptação de”, já que o autor é proprietário de 100% dos direitos destas obras. As mudanças de linguagem, contextualização acerca das distintas culturas, cortes, incluso de palavras, improvisações, modificações de cenas ou personagens etc., formam parte da dinâmica de trabalho do teatro atual por parte de diretores e atores, mas não dá precedente em nenhum caso a entender o espetáculo como “versão” ou “adaptação” deste original. As adaptações serão permitidas quando se trata de um gênero ao outro (do teatro para o cinema, por exemplo), mas sempre sob a autorização do autor através de seu agente, ABRAMUS. A infração destes direitos poderá acarretar a utilização de ações judiciais cabíveis que em Direito aja contra o infrator ou os responsáveis pela infração. Os Direitos destas peças estão protegidos pelas leis de Propriedade Intelectual em todo o mundo e devem ser solicitados pelo autor. (www.gustavoott.com.ar) ou a seu representante da ABRAMUS e SGAE.

GUSTAVO OTT

gustavott@yahoo.com

www.gustavoott.com.ar

® TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Sociedad General de Autores de España-SGA
c/Fernando VI, 4. (28004). Madrid, España.

Tel: (34-91) 3499550 Fax: (34- 91) 3102120

www.sgae.es

*“Tigre, tigre que flamejas
Nas florestas da noite.
Que mão que olho imortal
Se atreveu a plasmar tua terrível simetria?”*

*Em que longínquo abismo, em que remotos céus
Ardeu o fogo de teus olhos ?”*

Tiger, de William Blake, traduzido por Ângelo Monteiro

“Saberás a verdade e a verdade te fará um desesperado”

Anônimo

“Nas mãos de quem esteja minha vida, quero ser atacado e martirizado”

Osama Bin-Laden

PERSONAJES

- 1-“BORIS22” (BORIS), “80MIN”, “ARTE44”(COYOTE)
- 2- “AHMED911”, “DYLAN17” (DYLAN), POLICIA 2.
- 3- “ANDREA40” (ANDREA), “PILARSUR” (PILAR), POLICÍA1
- 4- ERIKA17” (ERIKA), “MOMTOBE”.

Ato 1

Cena 1

*Música.
Em cena, quatro computadores.
Dois deles se iluminam, os mais distantes.
Boris escreve em seu teclado.
Responde ritmicamente a “AHMED911”*

“AHMED911”: Gostaria de fazer algo conosco, aqui no Paquistão?

BORIS22: No Paquistão? Você vive aí?

“AHMED911”: Podemos ajudá-lo para que faça algo com seu corpo e com sua alma. Para que você transcenda, para que possa sobreviver à morte.

BORIS22: Sobreviver à morte? Como assim?

“AHMED911”: Alá é a lembrança. Viver na eternidade, na memória de todos, transcender a vilania e o mal. Lembraríamos de você como herói, como um Muhadellin e estaria vivo para sempre.

BORIS22: E nunca morrerei de verdade. Sempre vivo. Ah?

“AHMED911”: Nunca morrerás. Nós não morremos. A morte não existe, só há começo. Ao final, setenta e duas virgens te esperam. Gostaria de nos visitar no Paquistão?

BORIS22: Claro que sim, mas é muito longe.

“AHMED911”: É longe, mas estamos próximos, nos sentimos perto de você. Não sente o amor que nosso povo e nosso profeta têm por você?

BORIS22: Sei que me querem.

“AHMED911”: E te respeitamos. É o que diz a Jihad. Você leu a enciclopédia da guerra santa?

BORIS22: Sim e gostei quando se fala de respeito. Nem minha esposa nem minhas filhas têm muito respeito por mim.

“AHMED911”: E nós, não temos te tratado com respeito?

BORIS22: No chat sempre, todas as noites. Se não fosse por essas nossas conversas todas as noites, eu não saberia o que fazer com o meu tempo.

“AHMED911”: E com sua alma. Você deve ouvir sua alma.

BORIS22: Pois não a escuto muito esses dias. Anda silenciosa, tão pequena quanto um inseto.

“AHMED911”: Acredita em nós? Lê o livro sagrado?

BORIS22: Como é possível que minha esposa, minhas filhas, meu país, todos sejam tão diferentes do que há de bom, humano e respeitoso no livro sagrado e eu me sinta tão ligado a ele?

“AHMED911”: Alguém deve pertencer à cultura que sua alma dita. E não à imoralidade que nos impõem.

BORIS22: Isso. O imoral. Ontem, neste chat, estavam vendendo um bebê que vai nascer. Imagina: vender uma criança. Não há valores, só barbárie. Somos responsáveis.

“AHMED911”: Culpados. É muito importante deixar isso claro. Então, Boris22, você vem?

BORIS22: Não tenho dinheiro.

“AHMED911”: Podemos ajudá-lo. De que precisa?

BORIS22: Passagem, para começar.

“AHMED911”: Te dou a passagem.

BORIS22: Você está falando sério?

“AHMED911”: Somos amigos, não? O dinheiro está em todos os lados, Boris22, mas e os amigos, e a família, onde estão? Onde está sua família?

BORIS22: Olham-me como se eu não existisse. Minha esposa vive em sua rotina e com segredos e minhas filhas apenas me olham para pedir dinheiro.

“AHMED911”: E no seu trabalho?

BORIS22: Ensino biologia a um grupo de tarados em um colégio que se chama, como numa premonição, Nazareth.

“AHMED911”: Nazareth é território ocupado por Satã, Boris22. Dali, é um grande profeta, Jesus. Mas hoje, é terra prisioneira do sionismo.

BORIS22: Que é que eu devo fazer?

“AHMED911”: Deve estar alerta, seja prudente e pense: o melhor da humanidade. O que Jesus quis para ele? Desejou ser um mártir. Um mártir, caralho! Você vem? Em seu país ninguém perceberá sua partida.

BORIS22: É verdade, mas me deixe pensar e nos conectamos amanhã na mesma hora neste chat. Te dou notícias.

“AHMED911”: Que Alá te guie.

BORIS22: Sim, que me guie. Adeus.

(Música)

Cena 2

Ilumina-se o terceiro computador.

Erika escreve.

80Min e Dylan dão voltas ao redor.

Erika17: Sobre mim? Ok. Meu verdadeiro nome é Erika17 porque quase tenho 17 anos. Estudo no colégio Nazareth. Católico. Quero ser fisioterapeuta. Gosto de rir e curtir bons momentos. Não tenho namorado. Gosto de dançar todas as noites. Mas dançar em lugares diferentes, já sabe. Sou muito brincalhona e adoro fazer coisas sem planejar demais. Não gosto de gente enrolada. Não falo de política. Adoro sair para comprar, embora não compre nada. A música é a coisa mais importante da minha vida. Adoro andar e me perder pelas ruas. Gosto da minha família, mamãe Teresa, papai Geraldo e meus amigos, todos com nomes diferentes e legais. Meu site favorito: messenger. Meu site favorito dois: youtube. O site onde passo mais tempo: facebook. Meu lugar favorito na vida real: a praia. Quero aprender a surfar. É difícil para mim tomar decisões. Adoro falar. Adoro o chat. No facebook coloquei minhas fotos mais recentes para que elas me transcendam. Meu sonho é que, em cem anos, os garotos do futuro continuem se apaixonando por mim. Quero conhecer gente divertida. Que sejam legais. Que me façam rir. Que sejam bons moços e belos ou lindas e belas. Se você é assim, me deixe uma mensagem. E começamos uma linda amizade. Pode ser a qualquer hora do dia. Respondo rápido. Passo fácil cinco horas em frente ao computador. Tchau! Erika.

(80min chega primeiro ao computador. Dylan17 tenta, mas percebe que venceram a batalha e fica chateado)

80min: Erika, te adoro. Gostamos das mesmas coisas. Também tenho 18 anos e gosto de festas. Papai me deixa pegar um carro, um jeep cherokee. Que acha? Só uma coisa: podemos nos ver de verdade? Te pego no colégio Nazareth? Passo com a cherokee?

(Erika, como quem não acredita no que acaba de ler, responde, feliz.

Música)

Cena 3

*Momtobe e Andrea40, que fala ao mesmo tempo pelo celular.
Escrevem.*

Momtobe: É um assunto difícil, entende?

Andrea40: Entendo. Que quer fazer?

Momtobe: Vamos teclar em particular.

Andrea40: (Ao telefone) Pediu que fôssemos a um particular. Muito bem. (Chat) Tudo bem.

(Ambas fazem click duplo)

Momtobe: Quero dar uma criança para adoção.

Andrea40: Quantos anos tem?

Momtobe: Tem cinco meses de gestação.

Andrea40: (Telefone) Tem cinco meses. (Chat) E você não o quer?

Momtobe: Já tenho dois filhos. Não tenho dinheiro. Estou sozinha. É uma gravidez não desejada e ainda não fiz nem 21 anos.

Andrea40: Tem certeza que você quer dá-lo para adoção? (Telefone) Quer dá-lo.

Momtobe: Tenho, absoluta. Gostaria de dar esta criança a uma família que pudesse dar a ela tudo o que necessita. Conhece alguém?

Andrea40: Nós somos esse alguém. Estamos procurando faz muito tempo, mas há tanta gente antes de nós nas listas de adoção que estaremos velhos e acabados quando pudermos ser pais. (Ao telefone, contente) E fazer de nosso filho um homem de bem, um médico, um cientista, um artista, alguém que transcenda. E com ele, transcender todos nós. Verdade, meu amor?

Momtobe: E vocês são gente séria?

Andrea40: (Ouve o telefone) Já vou dizer a ela. (Chat) Talvez a gente deva se ver.

Momtobe: Há outras pessoas interessadas. A família Gutierrez. Perderam a filha faz dois anos.

Andrea40: (Ao telefone) Ai, meu amor. Tem outras pessoas. Que faço? (Ouve instruções) Muito bem, vou dizer. (Chat) Quem está em primeiro, eles ou nós?

Momtobe: Estou tão desiludida que pensei em sair disso de alguma outra maneira.

Andrea40: (Telefone) Acho que ela quer abortar. (Chat) Mas a gravidez já está muito avançada.

Momtobe: Sempre há uma saída.

Andrea40: Não, não faça isso.

Momtobe: É que não tenho dinheiro e estou na pior.

Andrea40: (Ao fone) Que faço? (Pausa) Vou dizer (Chat) Estamos interessados.

Momtobe: Como pode provar?

Andrea40: Prova? (Telefone) Que prova dou a ela?

Momtobe: É que por esses chats há muito farsantes. Além disso, meus filhos e eu estamos muito mal. Precisamos comer urgentemente.

Andrea40: (Telefone) Muito bem. Vou escrever isso agora. (Chat) Estamos dispostos a lhe ajudar? Se mandarmos dinheiro não acreditaria?

Momtobe: Você parece séria.

Andrea40: Se te enviamos, digamos... (Telefone) Quanto? (Chat) Mil e quinhentos dólares como prova de boa fé. Que acha?

Momtobe: Isso seria bom.

(Andrea, muito emocionada, faz saber ao seu esposo pelo celular. Logo, se acalma)

Andrea40: (Chat) Envia os dados e te enviamos urgente. Então, quando você tiver confiança, falamos do “projeto”.

Momtobe: O “projeto”?

Andrea40: Adotar seu bebê.

Momtobe: Estão me tirando de um problema de vida ou morte.

Andrea40: De vida, só de vida.

Momtobe: (Escreve) Podem deixar o dinheiro neste lugar.

Andre40: Tudo bem. Nos vemos.

(Ambos se desconectam. Andrea, feliz, fala com seu marido)

Andrea40: Você é maravilhoso. Incrível como você foi levando ela. E essa de oferecer dinheiro. Maravilhoso. Sentir-se-á comprometida. Esses Gutierrez não sabem contra quem estão competindo. Esse bebê será nosso, meu amor. Você vai ver. Quem diria? Tanta procura em agências e no estrangeiro e pensar que iríamos encontrar a vida num chat.

(Música)

Cena 4

Em cena, 80min e Dylan17. Escrevem

Dylan17: Nome? Idade?

80min: Brad. 24.

Dylan17: Brad é nome gay.

80min: Aqui é um chat gay, não?

Dylan17: Mas você é?

80min: Não, mas gosto de gays.

Dylan17: É que muita gente vem aqui pra foder.

80min: Vim ver se encontro um cu.

Dylan17: Bom, o meu é dos mais bonitos. Ativo?

80min: Dos bons. Tem 17 anos? Envia-me uma foto pelo menos para eu saber se você é de verdade. 17 anos é ouro puro, e quero tê-lo em meu poder.

Dylan17: Mas pra que foto?

80min: Para ver se me excito e se você é meu tipo de puto.

Dylan17: Posso te enviar uma foto do meu cu. Você consegue saber como são as pessoas através do cu?

80min: Como assim?

Dylan17: Eu faço muito isso. Vejo cus e somente com o cu já sei como são as pessoas. Tímida, chocante, grosseira, gostosa, isso.

80min: Envia-me uma foto do teu cuzinho.

Dylan17: Sim e se você gostar, nos vemos?

80min: ok. Envia-me.

(Música. Andrea40/Pilarsur e Erika17 se juntam a 80 min e Dylan17. Todos levam seus teclados para a frente do público. Escrevem sem parar.)

Andrea40: Um bebê que me ensinará o mundo longe das fronteiras, o mundo inaudito, o mundo ido...

Erika17: Tenho que perder peso e vai ser com cirurgia. Você dorme, desperta e pronto.

80min: Confesso que entrei pela janela do quarto, encontrei ela dormindo e tapei sua boca. Apenas se mexeu.

Dylan17: Creio que a escola tem seus dias contados. Eu aprendo tudo no chat.

Pilarsur: Eu gostaria de procurar outro país. E se não encontrar, então gostaria de buscar a morte. Buscá-la dormindo, drogada ou sonhando.

Erika17: Como vou me manter magra se não sirvo para lutar contra mim mesma? E se então eu me opero, vou morrer?

Pilarsur e Erika17: ... dormida, drogada ou sonhando...

80min: Toquei todo o seu corpinho, tirei sua roupa e a violentei rapidamente.

Erika17: Dormir, sonhar e perder peso.

Pilarsur: Sonhar é a forma como a morte vai nos conhecendo.

Dylan17: Ontem à noite aprendi por este chat que se pode fazer um tipo de vírus que acende a câmara do seu computador.

80min: Eu acho que ela gostou. Eu não gostei. A verdade é que gostei mais quando a matei.

Dylan17: Também aprendi no chat a fazer bombas atômicas caseiras e pedir armas pela internet. Tudo fácil e te levam em casa e pronto.

Erika17: Como quando está começando a anestesia antes da operação e você vê círculos e pensa:

Pilarsur e Erika17: Talvez não me levante e serei um cadáver.

Erika17: E talvez acorde e serei magra

Pilarsur: Como dizem: a vida é sonho. Mas se é um sonho: quem é a que está dormindo?

80min: Dei-lhe os comprimidos, esperei uns dias e então amanheceu morta. Não disse nada, mas agora confesso.

Dylan17: Como uma UZI ou uma TEC ou granadas. E não perguntam nada.

Pilarsur: E se viver é sonhar, despertar seria a morte?

Erika17: (Começa a comer um hambúrguer) Acho que devo perder peso.

80min: Como quando confessei que disparei em 13 pessoas. Apenas 13 porque o número me parecia importante.

Dylan17: Ontem à noite no chat aprendi um poema de tigre e também aprendi tudo relacionado com o amor. Posições, beijos, chupadas, dupla penetração, anal, fetiches, senhor-escravo. Isso não se aprende na escola.

80min: Sou uma homenagem aos assassinos em série.

Dylan17: Acho que a escola tem seus dias contados.

Andrea40: Procurei meu filho no chat e o encontrei. Estava lá e não em outro lugar, meu anjo não caído, e que vem com magia. Meu prêmio à alma desolada. Como ir ao trabalho e encontrar uma paisagem. Como procurar por um lugar e encontrar todos. Como respirar ar e perfume. Assim é. Assim será meu bebê.

(Música)

CENA 5

Em cena, Arte44 e Pilarsur, escrevem.

Arte44: Você gosta desse chat?

Pilarsur: É ótimo. De onde você é?

Arte 44: De Los Angeles.

Pilarsur: Trabalha com o quê?

Arte 44: Estudo arte e trabalho num museu. Você já veio a Los Angeles?

Pilarsur: Não, nunca saí do meu país. Dizem que aqui vive o povo mais feliz do mundo.

Arte 44: Como mais feliz?

Pilarsur: Têm uma forma de medir a felicidade e parece que aqui todos vivemos com muita alegria. Mas gostaria de conhecer seu País.

Arte 44: E por que não vem?

Pilarsur: Negaram meu visto três vezes.

Arte 44: No museu temos uma rede para ajudar.

Pilarsur: Como?

Arte 44: Com vistos de trabalho e até ajudamos a cruzar a fronteira, se for necessário.

Pilarsur: Ah, explique melhor.

Arte 44: Tem um transporte que conhecemos na fronteira. Ali se escondem e ali as recebemos. É uma viagem curta, mas um pouco cara. Pedem três mil dólares. Você tem?

Pilarsur: Posso conseguir.

Arte 44: Qual sua idade?

Pilarsur: Qual a sua?

Arte 44: Sou solteiro, jovem, de uns 30 anos. Não tenho filhos. Envio-te uma foto pelo chat. (Faz) Pode me enviar uma sua?

Pilarsur: Sim, claro. Tenho uma pronta no computador.

(Envia uma foto que tem preparada e que não é dela, mas de Erika. Arte44 faz o mesmo, enviando uma foto que não é dele)

Arte 44: Recebeu a minha?

Pilarsur: Sim, chegou. Você é loiro, lindo. Espero que me ache bonita.

Arte 44: Já recebi sua foto. Caramba! Você é ruiva. Muito linda. Que faz em seu país?

Pilarsur: Trabalho na cafeteria de um colégio, gosto muito de poesia e de pintar quadros.

Arte 44: Posso conseguir espaços e contatos para você mostrar seu trabalho. Posso te ajudar.

Pilarsur: Como você pode me ajudar?

Arte 44: Podemos deixar tudo pronto em 15 dias.

Pilarsur: Meu Deus, não sei nem o que dizer. É tudo tão rápido.

Arte 44: Você é uma colega artista. Pode me pagar com quadros. Quer ou não quer vir ao meu país?

Pilarsur: É uma das coisas que quero fazer neste momento.

Arte 44: Pois, faça!

Pilarsur: Como?

Arte 44: O melhor é que comece a preparar as malas e faça exatamente o que vou lhe dizer. Anota. Tem um hotel na fronteira...

(Pilar anota, entusiasmada.

Música)

Cena 6

80 min e Dylan17 conversam rapidamente com muita paixão

Dylan17: Espera que vou tirar uma foto do meu cu. Te envio em um minuto. Estava nu esperando que alguém se comunicasse comigo porque ando com muita vontade que me cubram por trás. Pronta a foto. Lá vai!

80min: Estou recebendo, mas continua escrevendo sobre o que você quer

Dylan17: Você gosta de mulher?

80min: Também. Mas gosto mais de sexo com cuzinho de homem. Recebi a foto. Caralho, você tem o cuzinho liso.

Dylan17: Você gosta? Quer?

80min: Parece que você cuida muito dele.

Dylan17: Mas dou sempre que posso.

80min: Onde e quando nos vemos?

Dylan17: Quando e onde você quiser. Mas só uma coisa: sem amor.

80min: Como?

Dylan17: Não se apaixone.

80min: Eu nunca me apaixono. O que quero é sexo. Não sou gay. Diz-me onde nos vemos, quando? Fala que estou com muita vontade.

Dylan17: Ok. Você é de verdade, de verdade? É que por esses chats as pessoas sacaneiam muito.

80min: Pareço de mentira?

Dylan17: Não, parece real.

80min: Sou real.

Dylan17: Então, aí vão meus dados.

80min: Colégio Nazareth, também?

Dylan17: Espero-te lá, safado.

(Aparece então Erika com um laptop, Arte44 e Dylan17 conversam com ela)

Erika17: Quem estiver por aí, por favor, ajuda!

80min: Quem é?

Erika17: Preciso de ajuda.

Dylan17: O quê? Quem é, o que está acontecendo?

80min: Alguém escreveu algo, não entendi.

Dylan17: Estava pedindo ajuda.

80min: Nestes Chats tem cada louco.

Dylan17: Louca. Tinha nome de mulher.

80min: Todos somos inventados.

Dylan17: Isso é verdade. Quantas vezes me aconteceu de conhecer uma mulher pelo chat e acaba sendo um gordo peludo com peruca?

Erika17: Ele saiu, mas certamente vai voltar. Deixou o laptop e eu não sei o que fazer.

Dylan17: Acho que é um transformista. Onde você está?

80min: O que está acontecendo?

Erika17: Tem dois computadores, um no quarto e este, mas por erro ele deixou por perto e consegui me conectar.

Dylan17: Quem é essa pessoa?

Erika17: Ele está no chat, como faz sempre, todas as noites. Certamente está tratando de encontrar outra como eu.

Dylan17: Como você, como?

80min: Uma puta! hahahahahahaha

Erika17: Por favor, não é um jogo. Mantém-me seqüestrada faz dois anos. Encontramos num chat, ele disse que iria me buscar num jeep cherokee e nos encontramos em

frente ao meu colégio. (Ouve algo) Um momento, ouço um ruído. Vou ver se ele está por perto.

Dylan17: O que acha?

80min: Que ela está louca!

Dylan17: Ela nunca antes tinha entrado neste chat.

80min: Deve ser Domitila70 ou Cinderela. Você bem sabe que elas gostam de se fazer passar por outras. Veja bem sua data de entrada: hoje mesmo. É alguém sacaneando. Lembra quando diziam que estavam conectados de um avião que ia se espatifar? 120 mortos por minuto, diziam.

Dylan17: E você acreditou neles.

80min: E todos no chat.

Erika17: Já voltei. Não era nada.

Dylan17: Não entendo muito bem o que você quer.

Erika17: Ele me seqüestrou faz dois anos. Quando caminhava para o colégio. Faz dois anos que me mantém presa no sótão, não posso sair para nada. Tenho um banheiro e livros, nada mais.

80min: Você não tem televisão?

Erika 17: O importante é que preciso de ajuda.

Dylan17: Sério?

80min: Está sacaneando. Já a vi aqui antes, acho que é um personagem.

Erika17: Estou seqüestrada por dois anos.

80min: E já te cansaste e queres mudar de seqüestrador?

Dylan17: Você está realmente seqüestrada ou gosta que lhe mantenham presa?

Erika17: Por favor, acredite em mim, me chamo Erika Gutierrez. O nickname do sujeito que me seqüestrou é 80min no chat. Chequem com a polícia, meus pais devem estar me procurando. Por favor, chequem a informação.

Dylan17: Soa estranho. Vou procurar no google.

80min: Não perca tempo.

Dylan17: Só um instante Se é verdade, aparece no google. Por que não me diz seu paradeiro atual?

Erika17: Não sei onde estou, só sei que é uma vizinhança com cães. Meu seqüestrador nunca sai e, em especial, nunca deixa o computador portátil tão fácil. Tenho medo, medo que seja uma armadilha. Acho que ele pensa em me matar.

80min: E te comer. Ele te lambe enquanto te viola?

Erika17: Por favor, é sério, por favor, chama a polícia. A casa é de dois andares, tem muitos cães, como se estivesse a meia hora de onde eu estudava, o Colégio Nazareth. Minha mãe se chama Teresa Gutierrez; meu pai Geraldo Gutierrez. Por favor, façam alguma coisa. Ele deve vir logo. Acho que está abrindo a porta do sótão.

Dylan17: Já chequei no google e é verdade. Tem uma adolescente seqüestrada com esse nome, Erika Gutierrez. Faz dois anos, os dados coincidem.

80min: Deixe ela, não se meta. (Diretamente para Erika) Erika, vou aí embaixo no seu quarto neste instante. Quero que vá pra sua cama, e se fizer o que lhe digo, prometo não lhe matar.

Erika17: É você!

80min: Não me faça matá-la, Erika, não me obrigue a fazê-lo.

(Erika fecha seu computador)

Dylan17: Desconectou. Era verdade! Era verdade!

80min: Não faça nada. Lembre-se que sei onde localizar você.

Dylan17: Caralho! Como fez isso? Acredita que eu posso fazer também? Está aí?

(Ouvimos golpes na porta de Erika. Ela olha para o público com terror)

Erika17: Deus, alguém me ajudeeeeeeeeeeeeeee!

(Música)

Cena7

*Soa o tema principal. Golpe na porta de Dylan.
Em cena, os quatro computadores se colocam em linha, defronte ao espectador.
Todos iluminados independentemente,
mas só um deles com intensidade: o de Dylan.*

Mãe (Em off): Disse-lhe para desligar o computador e se deitar para dormir.

Dylan: Já vou, mamãe.

Mãe: Já vou, não. Agora! Está tardíssimo. Amanhã, tiro o computador do quarto e deixo trancado. Passa todas as noites acordado e acaba não querendo ir à escola.

(Cai a intensidade no computador de Dylan. Sobe então o de Boris que acabou de fazer sua mala de viagem. Deixa uma mensagem gravada na secretária eletrônica)

Boris: Fui embora e não volto por um tempo. Por favor, deixe uma mensagem rápida. Que Alá esteja contigo.

(Luz baixa de intensidade em Boris, sobe de intensidade em Pilar. Ela prepara sua pequena mala. Está pronta para sair. Olha em volta do quarto.)

Pilar: Adeus quarto imundo, vizinhança humilhada, cidade quente, país sujo, gente maldita, ar de merda, pátria arruinada, amigos sem cor, futuro desmantelado, ruas destruídas, amanheceres abatidos, comida de porcos, quanto te desprezo, por Deus! Isso! Adeus, Adeus, sorrisos cruéis, amores punhais, vida que não vivi, porém.

(Pega sua mala)

Que vergonha minha ter de andar pelo mundo sendo daqui. Quando chegar à minha nova terra, quando passar a ser uma cidadã do primeiro mundo e começar a transcender; direi que venho de outra região, mas jamais daqui, este bando de esquecidos; e que nem sequer sei nem me interessa se esta praga de nação existe ou se afundou para sempre.

(Pega uns frascos de perfume que tem ao lado do computador)

Disseram que para passar a fronteira te untam com merda de tigre para afugentar os cães da imigração. Mas eu ao chegar ao meu primeiro mundo, em vez de merda de gato grande, cheirarei a Chanel. Vou embora. Não volto mais.

(Luz baixa de intensidade em Pilar. Sobe a de Erika)

80min: Erika, Erika, abra a porta.

Erika: Você vai me matar.

80min: Não vou te matar.

Erika: Você disse que iria.

80min: Porque você estava no chat.

Erika: Quero sair daqui, quero que me deixe em paz.

80min: Muito bem, se quer ir, abra a porta.

Erika: Como?

80min: Abra a porta!

(Baixa a luz em Erika, sobe a luz em Dylan)

Mãe (Off): Desligou ou não?

Dylan (Desligando o PC): Sim, mãe, já desliguei.

Mãe: Bom, deixe tudo pronto para o colégio amanhã e vá dormir.

Dylan: Sim, mamãe.

Mãe: E apaga essa luz. Não quero dizer de novo, certo?

Dylan: Sim, mamãe.

(Dylan espera que sua mãe se vá. Procura uma bolsa e coloca sobre a cadeira. De um lado, vai colocando seu uniforme escolar. Livros, utensílios escolares diversos. Conta-os como se repassando uma lista diária. Tudo está bem. Dá uma volta pelo quarto. Vê o relógio. Prepara a cama. Quando tudo está pronto, de baixo da cama, tira armas: Uzi submetralhadora, granadas, roupa militar, suásticas, rifles, canivete, lanterna. A mãe bate à porta com força. Ele se assusta.)

Mãe: Pronto?

Dylan: Já me deitei. Boa noite.

Mãe: Boa noite, durma bem.

(Dylan apaga a luz, mas acende a lanterna. Coloca as armas na bolsa da escola. Luz da lanterna)

Andrea: Logo serei mãe. Aos 44 anos e pela primeira vez, mãe. Comprado, mas mãe.

(Andrea reza “Ave Maria”, baixinho. De um lado, Erika aterrada, grita, defendendo-se com os braços)

Erika: Mas que não doa. Por favor, que seja rápido e que não doa. Me deixa rezar? Posso rezar antes, pelo amor de Deus?

(Erika reza o “Pai Nosso”, baixinho)

80min: Não se preocupe que a sua dor dói mais em mim.

(80min diz a letra de uma canção de ninar, baixinho)

Pilar: (Tira as sandálias) De ti, país repugnante, não quero nem o pó.

(Pilar aremessa as sandálias. Repete seu insulto ao país. “Adeus, quarto imundo”, baixinho)

Dylan: Ninguém vai ficar vivo nessa escola de merda.

(Dylan diz o poema “tigre, tigre”, de Blake, baixinho)

Boris: (com uma passagem na mão, lê) Miami-Londres-Islamabad. São muitas horas. Melhor ir dormir cedo.

*(Boris coloca um pano no solo, ajoelha-se em direção a Meca e reza.
Baixinho.
Todas as vozes se misturam com o ruído antigo de conexão com a internet.*

Fim do primeiro ato).

Ato II

Cena 1

Em cena, Boris. Tem um celular na mão.

Está muito nervoso.

Na outra mão, segura algum tipo de controle, como os de televisão.

Policia1 e Policia2 tentam falar com ele.

Boris: Há quatro anos, me sentei em frente à televisão. Não havia nada. Era eu e a sombra que refletia a tela apagada. Movia meus braços e a imagem escura também os movia, mas nunca tive resposta. A TV me refletia, mas não me respondia. E pensei: “a vida é triste”. E eu não sabia disso. Então, comecei com o chat. Já não via televisão, senão chat. Chegava do trabalho ansioso quase sem poder conter o desejo de estar numa sala de bate-papo e ser um mistério. Isso. Ser um mistério para os demais. O chat sabe de sua existência, embora não tenhas um nome real. Eu, que nunca gostei de mim mesmo, que nunca estive consciente de nada que fazia, passei a ser alguém a quem lhe encantava o que fazia. Isso, o chat era meu trabalho e meu tanque de oxigênio.

(De repente, levanta a voz e grita ao Policia2)

Boris: Quando chegará o computador e a conexão com o chat?

Policia2: (No rádio) Continua falando muito e pedindo acesso ao chat.

Policia1: Boris, é esse seu nome?

Boris: Boris22 no chat.

Policia1: (Fazendo o Policia2 se calar) Me diga Boris22, quando você planejou fazer isso?

Boris: Temos permissão de Deus para matar até 10 milhões de pessoas.

Policia2: Dez milhões! Filhos da puta!

Policia1: Mas Deus proíbe matar.

Boris: O corãõ inibe o assassinato, mas se refere os infieis. Os clérigos aprovaram dez milhões. Um a mais seria pecado. Mas menos não.

Policial2: E por isso se tornou terrorista?

Policial1: Boris, me diga, como convenceram um bom homem como você, com esposa e filhas, sem antecedentes e sem maldade alguma, a fazer essa loucura?

Policial2: A atuar contra o seu país.

Boris: Esse não é meu país.

Policial2: Mas você nasceu aqui.

Policial1: (Mandando o 2 se calar) Fale comigo.

Boris: Quando chega o computador? Preciso me conectar ao chat.

Policial1: O chat já vem.

Policial2: Que mais você quer, quais são seus pedidos?

Boris: Não me deixem nervoso, não me deixem nervoso!

Policial2: Fale comigo.

Boris: Ok.

Policial1: Me diga então, quantos explosivos tem nesse cinturão?

Boris: Alá é grande.

Policial1: Sem duvida é grande. Mas quantos tem aí? Que tipo de explosivos, TNT, CS?

Boris: Muito, o suficiente.

Policial1: Diga, Boris22, você vai fazer eles explodirem? Vai me dar tempo para permitir a saída das crianças e das mulheres desse teatro? Além disso, aqui está a televisão. Você não quer que suas filhas lhe vejam matar inocentes, não é verdade?

Boris: Não há inocentes e eu não vou falar mais. Quero um computador portátil com conexão à internet. Preciso entrar no chat.

Policial2: O computador já vem. Faremos o que você está pedindo, só não detone o explosivo. Não detone, certo?

Boris: (Irritado, ameaça-o com o controle) Vamos morrer todos, todos, se eu não entrar no chat logo.

Policial1: Ouça-me bem, nós sabemos que você é um combatente.

Boris: Muhajedin.

Policial1: Isso é claro.

Boris: Em Gaza, em Tel Aviv, em Beirute, em Londres, Nova Iorque, aqui neste teatro. Estamos perto, estamos em todos os lugares. O planeta é nosso campo de batalha.

Policial1: Isso. És um combatente, mas não és um maldito, certo?

Boris: O chat.

Policial1: Já vem, já vem o chat, (para o policial2) não é?

Policial2: (Com o rádio) Me disseram que está quase chegando.

Policial1: Vê? O chat já vem. Que você quer mais, quais suas exigências?

Boris: Só o chat.

Policial1: E que você pretende fazer com o chat?

Boris: Receber a ordem pelo chat. Faço uma chamada ao telefone e adeus aos dez milhões.

Policial2: (Rádio) A ordem vem pelo chat.

Policial1: Mas Boris, Boris22, com esses explosivos que você tem, o máximo que pode fazer é matar a todos que estamos aqui, uns oitenta com todo o teatro.

Boris: Você não entende, o cinturão protege o detonador.

Policial1 e 2: Qual detonador?

Boris: Eu sou o detonador.

Policial1 e 2: Detonador de quê?

Boris: Deste w-87 que tenho atrás de mim.

Policial2: Isso é o quê?

Boris: Uma cabeça nuclear de plutônio de 400 kilos que pode fazer desaparecer a cidade inteira. *(Música)*

Cena2

*Soa o despertador.
Música linda, alegre, juvenil.
Dylan se levanta da cama com muita energia.
Liga o computador.
Faz exercícios.
Escova os dentes e canta a música ao mesmo tempo com muita frescura.
Vai-se vestindo.
Batidas na porta.*

Mãe: (Off) Dylan, o café está na mesa.

Dylan: Já vou, mamãe.

Mãe: Está tudo pronto?

Dylan: Tarefa, uniforme, bolsa, tudo.

(Entra a mãe)

Mãe: Apresse-se que hoje tenho um dia muito difícil

Dylan: Não se preocupe, mamãe.

Mãe: Você não tem uma prova hoje?

Dylan: Sim, mas está tudo bem.

Mãe: Eu estaria morrendo de medo se tivesse uma prova.

Dylan: Já sei o que vão perguntar.

Mãe: Se você continuar estudando tanto e tirando boas notas, será o primeiro da família a conseguir. O único que chegará onde quiser.

(A mãe sai. Dylan termina de se vestir. Pega sua bolsa debaixo da cama e a coloca de lado. Senta em frente ao computador)

Dylan: Blog Dylan. Por quê? Pelo fogo. Sabes a que me refiro? Já sentiu seu magnetismo? Não te atrai. Quando vê o fogo consegue tirar a vista? Se observar bem, verá que no centro do fogo há uma sombra pequena. Uma sombra escura, rodeada do

alaranjado da chama. Uma sombra que baila no centro do fogo. Trata-se da figura divina. Se você olhar bem verá que esta figura veste uma toga negra e que leva um capuz pontiagudo, que tem três ou dois olhos e que de sua toga negra saem braços. Braços? Muito mais. Isso, a figura de fogo tem asas. Se você olhar bem, no meio do fogo e na figura divina, os olhos ardem também. E nesse momento, verá que a figura de toga negra dança sua dança e tem rosto. E que a figura te olha. Te olha porque essa figura se parece contigo. E te pergunta: quem olha para quem? Sou eu que olha para o fogo ou é o centro do fogo que olha para mim? Bom, por isso, faça. Por essa pergunta. Obrigado por me dar esta oportunidade para me comunicar com todos os amigos do chat. (Desliga o computador, vai até a bolsa, faz a revista) Carabina 995 para Distância. TEC 9mm. Duas bombas de propano. Munição, gasolina. Pronto.

Mãe (off): Dylan! O Café está esfriando!

(Pega a bolsa e sai, música)

Cena3

*Em cena, Pilar, com uma maleta ao seu lado.
Escreve em um computador*

Pilar: Amigo Arte44 de Los Angeles. Já cheguei ao hotel da fronteira e estou esperando pelo seu contato. Deixaram-me usar este computador na recepção, mesmo tendo muita gente esperando. Por isso vou te escrever rápido e talvez cometa muitos erros e pareça um pouco fria. Gostaria que você fizesse a viagem comigo esta noite em algum dos caminhões de carga para o norte. No que leva caixas eletrônicas, no que transporta galinhas ou o que leva as bananas. Eu, a banana, uma banana verde, pronta para começar a maturar, levada e traída a partir da minha República das Bananas. Para amanhã, despertar lá, em minha nova vida civilizada. Essa banana se vestiu de uma casca fina para poder entrar no caminhão. Você me disse isso da última vez que conversamos no chat. Que iríamos num caminhão com pouco espaço, apertada entre caixas, escondida numa armadilha para que os fiscais da fronteira não nos vejam. Tudo bem, não vou me importar porque esta banana está muito feliz com o futuro que lhe vem pela frente. O teu contato na fronteira me disse que às vezes essas cargas são de pescado para que o odor engane os cães anti-imigração. Dizem que, às vezes, se a polícia anda muito a procura, então cobrem a pessoa com merda de elefante ou tigre para que quando os cães cheirem um animal maior e mais perigoso que eles, se afastem. Por isso, eu trouxe um pouco de perfume Chanel para quando você me vir, eu não esteja cheirando a excremento de um felino selvagem. Imagina, eu banana, sem roupa e cheirando a Tigre. Tigra, no meu caso. Procurei na internet um poema de tigre para aprender de memória enquanto me untam com sua escória:

“Tigre, tigre que flamejas
Nas florestas da noite.
Que mão que olho imortal
Se atreveu a plasmar tua terrível simetria?

Em que longínquo abismo, em que remotos céus
Ardeu o fogo de teus olhos?”

O que será o tigre no poema? Sim, esse truque não funcionasse somente dentro do caminhão com os policiais, mas também no dia-a-dia. Ontem, faz dois anos que eu era adolescente. Que falta fazia então um pouco de merda de leão para morder os que queriam me comer; de águia, para passar essa fronteira sem caminhão de merda. Ou também de hiena para começar a rir desde já, mas de mim mesmo e de minha vida que da merda que me cerca. O que me dá mais medo é que estou fazendo isso sozinha. Mas assim será. Esta banana tigresa entrará sozinha no teu mundo, no teu primeiro mundo, e amanhã serei a última a chegar ao mundo primeiro. Mas com minha vontade de estar lá,

com pouco, terminarei sendo um das primeiras tigresas nos abismos e céus remotos e no fogo dos teus olhos. Você não me conhece, mas essa tigresa devora o mundo. Mesmo que seja o primeiro mundo. Mesmo que vá sozinha e tenha medo. E mesmo que custe três mil e quinhentos dólares e mesmo que cheire a excremento de fera e a Tigra Tigra não saiba o que significa ver-se finalmente como uma banana banana, pois vou ao norte e ao norte vou. Vemos-nos amanhã no museu. Amanhã, serei outra. A mesma Banana, mas com cheiro de tigresa, pintando meu mundo, contente e em um futuro incondicional.

(Música)

Cena 4

Em cena, 80min, Dylan17, Andrea40 e Erika 17, escrevem

80min: Apresento este vídeo. Faço rápido e com disfarce, esqueçam-se da minha cara. Não me reconhecerão. Cubri todos os meus passos. Não sou um assassino em série amador.

Dylan: O programa se chama “boneca de vudu”. Entra e ataca o seu HD. E a partir de então, ataca o teu mundo. Este mundo que te fala, que te escuta, que te sussurra e apaga os ruídos da noite solitária.

Andrea40: A boneca vudu controla tua vida...

Erika17: E em cada conexão via fincando as agulhas.

Andrea e Erika: ..uma atrás da outra, sem pressa, uma por uma...

80min: Prometi que a deixaria ir. Mas... e agora, dois anos vivendo comigo, sendo meu ruído em casa, minhas noites em claro, minha febre que não baixa?

Erika e 80min: Minha companheira em frente à TV, meu nick do chat, minha filha adotiva, minha carcereira...

80min: ... minha mulher, meu sexo ardente, meu frenesi.

Erika17: Por que não me deixa ir?

80min: Deixá-la ir? Você? Minha vítima perfeita, minha favorita derrotada, meu cordeiro devorado?

Dylan17: Então, a boneca vudu aparece em todos os recantos do teu mundo e começa a fincar as agulhas.

Andre40: Tão logo a agulha penetra como se fosse uma recordação; uma melodia que não podes deixar de cantarolar este dia; o rosto de alguém que viu passar e não pode deixar de ver.

Dylan17: Porque tu és a boneca e assim se prepara teu enterro como personagem principal neste ataúde de agulhas e no jardim da tua casa.

80min: E se confesso a vocês que não sou mais um assassino em série? Que eu gosto de confessar crimes porque não deixo de sentir culpa de tudo e que, além disso, tenho uma jovem seqüestrada no sótão há dois anos?

80min e Dylan: Todos temos nossos desejos, nossos sonhos, um inconsciente e um perverso coletivo?

80min: Mas se te digo que não matei ninguém. Se te confesso: seguirei sendo um personagem principal?

Dylan: Porque quando a boneca vudu está enterrada, esperando em seu ataúde o resultado fatal, se ouve então a conexão da internet, a agulha do dia.

Erika17: Não é o mundo em tuas mãos. És tu nas mãos do mundo.

Andre40: E a agulha entra silenciosa e apenas com dor, por tuas costas, por teu pescoço, entre as duas orelhas, e te parte a cabeça em duas.

Erika17: Tu és a boneca, estás nas mãos dele. Ele é o vudu que te faz ir atrás do fogo, tu, cordeira, tu, sedada pelo desejo de ser devorada.

80min: E afinal, és a protagonista do mundo na rede.

80min e Dylan17: Não o herói.

80min: Depois de tudo, as vítimas são virtuais e nada mais.

Andre40: Embora toda vítima seja uma realidade.

80min e Dylan: Saberás a verdade e a verdade te fará um desesperado.

Dylan17: Como a do protagonista que jaz sem vida vendo a tela da internet com a última agulha cravada por ti no coração dele.

(Música)

Cena 5

(Quarto de hotel. Em cena, Andrea, Momtobe, ao seu lado, Arte44)

Andrea: Como está se sentindo?

Momtobe: Daqui a poucos dias terão seu bebê. Vem, toca.

(Andrea tenta tocar, com medo. Momtobe toma a sua mão e ambas sentem sua barriga).

Momtobe: Sente algo?

Andrea: (Feliz) Algo... sinto algo... como uma batida! Será seu coração? Mexeu-se!

Momtobe: Há alguns minutos se mexia como louco.

Andrea: Essa criança é nossa vida; Tudo tem sentido desde que você nos ofereceu este presente de Deus.

Momtobe: Bem que eu gostaria que fosse um presente.

Andrea: (Tira um pacote e entrega. Beija-a) O dinheiro não tem valor, querida, aqui está tudo.

Momtobe: Já falta pouco, posso sentir. Se você não o levasse, estaria procurando uma babá para amanhã. Ouça, temos que decidir quem cortará o cordão umbilical.

Andrea: Como quiser, você é a mãe.

Momtobe: Eu o carrego em mim. Mas você é a mãe. (Sente uma dor intensa) Ah! Ah! (apontando para o chão) Rompeu a bolsa, acho que está na hora.

Arte44: (Rapidamente, pega a maleta) Te levo.

Andrea: (Pega o celular) Vou chamar meu marido para que ele vá para a clínica.

Momtobe: (Para Arte44 que responde afirmativamente) O carro tem gasolina? Temos que trocar de roupa? Deus, já está vindo!

Andrea: (Telefone) Amor. Está na hora. Hoje, seremos pais! Que dia é hoje? Estou tão emocionada! Nos vemos na clínica. (Desliga)

Arte44: (Pegando as coisas) Estamos prontos para sair.

Andrea: Vou na frente para ir arranjando tudo com a administração da clínica. Nos vemos lá!

Momtobe: Daqui a pouco!

(As duas mulheres se dão as mãos. Andrea a beija com muito carinho)

Andrea: Tudo dará certo.

Momtobe: Amém. Vá com cuidado!

Andrea: (Saindo) Você também! Vou ser mãe!

(Sai feliz. Arte44 pega o dinheiro)

Arte44: E então?

(Momtobe toca o abdômen com um gesto de dor, vai tirando algo que levava ali. Tem um dispositivo, entre almofada e tela que simula sua gravidez)

Momtobe: Não sabes o calor que produz esta merda.

Arte44: (Imitando-a) “Toca aqui”.

Momtobe: Da última vez, senti-o dando chutes.

Arte44: Tem gente maluca.

Momtobe: Já viu uma mulher mais patética que essa?

Arte44: Pareceu-me fácil.

Momtobe: Fácil para você, que não fez nada. Mas eu tenho que sustentar a história e suportar isto.

Arte44: Não gosto que essa gente tenha lhe visto.

Momtobe: E não me esquecerão nunca. Mas me maquio, mudo o cabelo, faço o necessário. Além do mais, nem meu nome têm. Conhecem-me por meu Nick, momtobe.

Arte44: E a polícia?

Momtobe: Nunca chamarão a polícia. A dor não os deixa descrever-me.

Arte44: E tudo pelo chat.

Momtobe: Esse é o mundo. Veja, ontem, estavam discutindo um seqüestrador e sua vítima.

Arte44: Tem cada louco nesses chats.

Momtobe: E eu que fiquei grávida tantas vezes na internet, que já me sinto um predador. Vamos. (Ambos apagando os vestígios e deixando tudo limpo) No caminho, preciso parar para fazer uma pigmentação médica.

Arte44: Outra vez?

Momtobe: ... E conectar-me urgente no chat. Tenho uma família, os Gutierrez, esperando por uma garota. (Imediatamente, vê que Arte44 coloca o dinheiro nos bolsos). Vem, me dá um beijo.

Arte44: Em que mundo?

Momtobe: Beijo, idiota.

Arte44: Beijo e sexo. E pronto.

(Beijam-se. Arte44 faz com desgosto)

Cena 6

Dylan, entrando na escola

Dylan: Eu seria o único em minha família que conseguiria. Caminho pelo colégio Nazareth, como Jesus em seus tempos de jovem. Meus amigos e professores me cumprimentam. O segurança apenas vira-se para me olhar. Cumprimentam-me antigos mestres, alunos esquecidos, companheiros rancorosos, crianças servis, minorias detestáveis, gentes de merda. Saúdam automáticos os zumbis que não me vêem o rosto e com eles esses outros que se viram antes de me ver. Ninguém nota que entro no colégio Nazareth com um Tigre ao meu lado. Sei que escutam seu rugido, que sentem o ranger de suas garras contra o piso de granito, que percebem seu hálito de cordeiro devorado. Mas ainda assim, ninguém se dá conta da fera que os cerca. É o tigre. Um tigre e eu na escola, acertando as contas. Um tigre da malásia que abre os olhos e está pensando em ti.

(Dylan se desloca pelo cenário. Atrás dele, vemos a imagem de um tigre. Ambos caminham de maneira similar)

Então, entro na cafeteria. (Ruído de cafeteria) E eu seria o único em minha família que conseguiria. Paro na porta e observo a todos. Meu tigre levanta a cabeça, lambe a cara e olha fixamente o grupo das belas-ratas, essas que nunca me olham e não me convidam para suas festas, saídas, projetos. As belas-ratas que beijam a todos e em mim cospem. Vamos tigre, fazes bem. Observe-as com detalhe. Grave suas figuras de cetim. Cheire seus perfumes incessantes. Não as deixe correr até a janela, quando chegar seu momento, tigre, que a gazela-rata corre velozmente quando se vê enamorada da morte. Então, aqui estou eu, na porta da cafeteria, com meu Tigre de Bengala, sem coleira, do meu lado. E como sempre, mesmo assim, ninguém me dá atenção. Falam todas e todos, com suas conversas quebradas, com seus amigos prediletos e suspeitos, com suas procissões de ouro. Como quando entras no elevador e todos queremos nos comunicar, mas a verdade é que automáticos e na defensiva, olhamos para o chão. Estão todos muito próximos e fechados. Se sustentamos o olhar, quem sabe o que pode acontecer? E de novo, o tigre arde, e com ele o tremor de minha mão, e com minha mão o céu e assim, dei Graças a Deus porque por esta vez, nesta mesma cafeteria, onde tantas vezes não vivi, agora tenho à disposição meu UZI de 1100 tiros, minha TEC 9 milímetros, meu rifle de cano duplo, minhas quatro granadas fragmentárias, minha faca de caçador irredutível, minhas botas conquistadoras, meu Tigre de Bengala e meu desejo sincero de foder todos esses como merda o mais rápido possível. Eu seria o único em minha família que conseguiria. E comigo, apenas um pensamento ousado, um pensamento devoto, um pensamento transcendente, um pensamento épico que sairá nos jornais de amanhã e nos nossos chats de todos os dias e em todas as bonecas de vudu enterradas em tua casa, em teus sites, blogs, hotmail, facebook, myspace, youtube, Google, second

life, Yahoo, RSS, iTunes, SMS, podcast e outros. E esse pensamento elaborado será: que caras fizeram quando me viram apontado-lhes a cabeça? Vamos, tigre, que esta é a cafeteria e é hora de comer.

(Ruído de cafeteria que se mistura com música).

Cena7

*Fronteira. Em cena, Coiote e Pilar.
Ela dá a ele o dinheiro.*

Coiote: Preço especial por se tratar de você, não se queixe. Agora, a viagem. Olhe, é muito simples. Você se coloca na parte de trás do caminhão. Quando dermos dois golpes, assim (dá os golpes) quer dizer que estamos na fronteira. Ou que há um policial da imigração ou perigo. Então, se cubra com a manta.

Pilar: que cheire a merda de tigre.

Coiote: Que cheiram a merda de tigre para despistar os cães. Sentem o cheiro e se afastam, é o natural. Você fica tranqüila aí, sem movimento. E se abrem a porta e escutam vocês, finja-se de morta. A polícia tratará de assustá-la para que se mexa, mas a verdade é que não estão certos se está aí ou não. Não sabem. Ao chegar, abrimos a porta e já estará livre.

Pilar: E quanto dura a viagem?

Coiote: Com as batidas e as paradas, mais um tempo extra de proteção, umas seis horas.

Pilar: E se houver uma emergência?

Coiote: Não acabo de dizer que damos dois golpes?

Pilar: Refiro-me a ir ao banheiro.

Coiote: Mas então, você está achando que entra de primeira classe ou pelo aeroporto?

Pilar: Claro que sei perfeitamente por onde vou entrar.

Coiote: Diga-me, você tem papéis?

Pilar: Claro que não tenho papéis, se tivesse papéis....

Coiote: Não estaria aqui, certo?

Pilar: Isso.

Coiote: Pois então, pense desta maneira. Pense nas vezes que quer ir ao banheiro, mas não pode porque não tem papel. Não pode se limpar e é melhor esperar. Bom, é a

mesma coisa. Agüente-se porque não tem papel. E se a vontade é muito grande, pois então, agüente-se. E se não pode agüentar, se já está no último, e é vida ou morte, então, agüente-se. Essa é a vida senhorita, agüentar-se. Vá aprendendo isso de uma vez por todas. È isso que te digo.

Pilar: Pois agüentarei. E se não puder, farei por cima de mim.

Coiole: Assim estamos todos, fazendo por cima. Só não trate de fuder nenhum outro. A menos que cague rosado. Uma vez um veio com isso. Chamava-se pigmentação médica e cagava rosado.

Pilar: Não brinque comigo. Não é necessário.

Coiole: Tudo vem como a viagem, madame. (Irritado) Além do mais, tinham me dito que era ruiva e tinha 22 anos.

Pilar: Uma confusão de...

Coiole: Não importa. Dá no mesmo.

Pilar: E uma coisa.

Coiole: Uma rosa?

Pilar: Não, uma coisa.

Coiole: Diga.

Pilar: Quem mais vai comigo?

Coiole: Esses dois aí.

Pilar: Dois homens?

Coiole: Pelo menos, é o que parece. Embora hoje em dia nunca se saiba.

Pilar: E se acontecer alguma coisa?

Coiole: Como o quê?

Pilar: Bom, se um desses tarados quiser abusar de mim.

Coiole: Olhe, senhora, aqui somos todos pessoas honestas. Todos têm família e querem começar uma nova vida. Ninguém quer cometer um crime. Isso é o que pensam por aí, mas a verdade é que não há crime nem criminosos, mas somente vontade de trabalhar. Você, o que quer?

Pilar: Trabalhar.

Coiote: Então, não chateie.

(Coiote lhe dá as costas. Antes de sair, dá meia volta)

Coiote: Vem ou não vem?

Pilar: Um minuto. Vou fazer uma pigmentação médica, mas marrom quase negra e já volto.

Coiote: Aproveite. Será seu último dia com papel de emergência.

(Pilar se esconde de um lado e se senta como se fosse fazer uma necessidade, mas a verdade é que põe a recitar um poema.

Música)

Cena 8

*Ouvimos sirenes, embora poucas.
Luz intensa em Erika*

Erika: Acho que quando descobrir que vou escapar, ele me matará. Sempre me disse: “vou te matar desta forma, ou desta outra” e citava assassinos em série que fizeram isto ou aquilo. Mas em dois anos aprendi que quando começa com suas histórias, a mim, finalmente, não acontece nada. Gosta que tenha medo dele. E eu tenho. Embora às vezes finja, porque não é tão difícil fingir quando te mantêm seqüestrada por mais de dois anos após um encontro às cegas pelo chat. Mas hoje a porta da minha prisão está aberta. E então tenho de fazer a escolha: será uma armadilha? Devo fugir? E se fizer, ele me mata? E se não fizer, terei de ficar aqui para sempre? Então, decido que é hora de ir e corro.

(Baixa a luz em Erika. Ouvimos gritos e sirenes que se aproximam. Sobe a luz em Boris, na mesma situação. Com seu cinturão cheio de explosivos e seu detonador na mão. Policial 2 aponta para ele com a pistola.)

Policial2: Melhor atirar.

Policial1: Se atirar, voamos todos.

Policial2: Uma bomba atômica, maldito!

Policial1: Deixe que cheguem os reforços. Não podemos sozinhos com esta situação.

Policial2: Eu o mato e pronto. Mato-o.

Boris: Alá me leva com ele.

Policial2: Alá é merda.

Boris: Alá é grande.

Policial2: Essa bala também é grande e vou metê-la pelo seu ombro, filho da puta.

Policial1: Vai nos explodir a todos. A todos.

(Sobe o ruído das sirenes. Baixa de intensidade a luz de Boris. Sobe a luz de Pilar e agora as sirenes se escutam muito distantes.)

Pilar: A primeira violação não vai muito além. A segunda é um pouco mais brusca, desesperada. Na terceira, me golpeiam mais forte porque, como uma tonta, quis resistir, como se dissesse: “já fizeram, deixem-me em paz”. Mas a terceira vem com a quarta e a quinta ao seu lado. Deixo de contá-las quando começaram a me pegar, quando um deles me marcou a cara três vezes com a fivela do seu cinto, quando abriram a porta e entrou e o coioite e outro mais, quando me morderam, me amarraram e disseram:

Coioite: Tranqüila, madame, que a noite é longa e agora é que estamos começando.

Pilar: Já não vou ao Norte, penso. Acho que esta noite vou ainda mais longe.

(Baixa a luz de Pilar. Sobe a de Dylan. Ouvimos o ruído de metralhadora e gritos. Logo, ouvimos a sirene da escola que logo se mistura com as sirenes que se aproximam, com intensidade mediana)

Dylan: São horas, dias, a história do homem contemporâneo: um orgulhoso momento no consumido colégio Nazareth. Somente na cafeteria, disparo as 1100 balas da UZI. Em um minuto ou dois, porque deixo o gatilho um par de vezes, não para apontar bem, mas porque me dói o dedo. Dois minutos no máximo. (Ri com inocência, como uma criança.) Como nos jogos de vídeo, pow!, pow!, pow! Incrível! E apesar da cafeteria estar cheia de estudantes, detonei apenas 30. Não é justo. Os demais correm ou se escondem atrás das mesas auxílio. Quando deixo de disparar, vou atrás deles. Ouço lamentos e ruídos. Deixo a UZI e saco a TEC nove milímetros. Choram: “não amigo, não faça isso!”. Nem sequer sabem meu nome. Dylan. Dylan se chama seu amigo, digo-lhes, com carinho. E lhe disparo entre as mãos vazias que usam para se proteger. Saio da cafeteria, chamo o tigre, que já digere animado às belas-ratas. Primeiro Mistério: Mastigadas, não reluzem tão belas. (Ao público) Verdade, tigre?

(Baixa de intensidade a luz de Dylan. Acende-se a luz de Pilar. Ouvimos risos desenfreados, gritos de mulher. Pilar recebe os golpes enquanto fala)

Pilar: Então um deles, todos, qualquer um, não sei, amarra uma corda no meu pescoço.

Coioite: Agüenta. Te disse que tem de agüentar, filha da puta!

Pilar: E deixo de resistir e porque começo a agüentar e a perder as forças e a respiração. Os outros homens me rompem o corpo, me mordem os peitos, me tiram o sangue, me arrancam as coxas. Apenas respiro. E então, ele se aproxima de mim e me diz:

Coioite: Vocês não são os mais felizes da terra? Bom, vamos ver se a felicidade se torna prazer.

Pilar: (Dando-se conta de que se trata de Arte44, sem acreditar) O quê, você?

Arte44: Não te disse que estudava arte e trabalhava num museu? Bom, amorzinho, esta fronteira é meu museu e isso que tenho entre as pernas, minha arte. E agora, prepa-se, porque o que você vai sentir é pura estética!

(Imediatamente, Pilar se levanta rapidamente, mas vê a situação de fora)

Pilar: É ele! Claro que é ele! Mas não é como na foto. Não me trata da mesma forma. Não me presenteia a vida, não significa a fé. Mas é ele. Meu Arte44, minha voz de Chat, minha ilusão em linha, meus sonhos na Internet. E do assombro, deixo de respirar e então...

(Baixa a intensidade em Pilar. Luz em Dylan. As sirenes se escutam mais próximas, chegando)

Dylan: Os corredores da escola estão abandonados. Abro as portas de várias salas, mas já quase ninguém resta. Numa delas, vejo dois que tentavam saltar pela janela. Disparo nas costas deles. Subo as escadas e ouço que há gente no laboratório de química. Têm a luz apagada, mas ouve-se pelo menos umas 15 pessoas. Em uma contraluz, vejo duas professoras abaixadas, que mandam se calarem. Então, pego uma granada fragmentária e a lanço. Corro e me protejo atrás da porta do banheiro das meninas. A explosão no laboratório é estupenda, maravilhosa, única. Logo, escuto gemidos no banheiro. Me aproximo e aí está minha ex namorada trancada com outras duas amigas. Uma delas, Elisa, a que sempre está calada e de alguma forma gosta de mim. Também gostava de Erika, mas outro a levou mais rápido que eu. Minha ex abaixa a cabeça e me diz: “meu amor, não eu, não eu!”. Disparo rápido na cabeça de cada uma. Em Elisa atirei três vezes, para me assegurar de que estava bem morta. E sem saber porque, apesar de já estarem arrumadas, de toda forma deixo uma granada fragmentária em cima de seus corpos. Não sei, a idéia que não possam reconhecê-las é importante para mim. Corro de novo pelo corredor até meu objetivo principal: o ginásio. E quando estou quase chegando, ouço a explosão do banheiro das meninas. E penso: trata-se de uma notícia triste para mim porque, na verdade, quem eu sempre quis foi a Elisa.

(Caminha para o outro lado do cenário)

Sem pausa, abro a porta do ginásio. E nos seus olhos vivos, vejo que não esperavam. Começo a disparar com tudo que tinha. A 9mm e o Rifle. E nos seus olhos mortos vejo que eles ainda não acreditavam. (Imita-os) “Mas, eu, se essas coisas nunca acontecem comigo, mas só com os outros? Deve ser um sonho, não é verdade!” Isso, a morte é um sonho. Assim nos procura e nos conhece.

(Baixa a luz em Dylan, sobe a de Andrea)

Andrea: Fiquei esperando na porta do hospital e logo pensei que tinha errado de local. Procurei em todas as clínicas da área. No dia seguinte, em toda a cidade. Fiquei esperando que me ligassem, que me dessem o bebê, nos meus 40 anos, um bebê que me ensinasse o mundo longe da fronteira, o mundo inaudito, o mundo ido. Fiquei esperando o bebê como um bônus, um anexo divino, uma luz fria e calma que surge por trás do fogo que não cessa. Um anjo que não cai e que vem com encanto. Meu bebê: um prêmio à alma desolada. Como ir ao trabalho e encontrar uma paisagem. Como procurar de um lado e encontrar todos os lugares. Como respirar ar e perfume. Assim, seria meu bebê, que não chegou.

(Baixa e luz em Andrea, sobe em Erika. Ouvimos sirenes distantes.)

Erika: Subo as escadas do sótão, toco a porta do meio e também está aberta. Que significará isso? Chego até a sala e ali está o computador, no endereço do chat. De um lado, o telefone e no chão, está ele, com uma garrafa ao lado, dormindo. Penso, então, chamo a polícia e lhes digo onde estou ou terei mais chance saindo pela porta da frente e correndo? E se a porta estiver fechada? E se ele não estiver dormindo e for um teste e quando eu me mexer, me mata ou me agride? Como lembro que nenhum dos assassinatos em série de que tanto gosta terminam nesta situação, decido que o melhor é correr até a porta da casa e voar. Então, assim eu faço. Abro a porta, coloco minhas asas e ele diz, apontando para mim com uma arma:

80min: Erika!

(Baixa luz em Erika, sobe em Pilar. Ouvimos as sirenes que se aproximam.)

Pilar: Afasto-me então do meu corpo e vejo meus executores de fora, como se estivesse voando, como se voar fosse muito bom para mim, como se tivesse asas. Uma tigre banana com asas.

(Mantém-se a luz intensa em Pilar e agora sobe a de Dylan. Sirenes se aproximam)

Dylan: Vejo a fogueira que me chama e o fogo do incêndio. A silhueta que vive em seu centro, que tem asas e com seu manto negro e sua dança, te olha. (Ao público) Porque essa figura se parece contigo. É você. Tigre, meu público. É você.

(Mantém-se a intensidade em Dylan. Sobe agora a luz em Boris. As sirenes soam alto, como se estivessem sobre o palco)

Boris: Agora a escuto. Ouço minha alma. Este sou eu. E diz: “Não há morte! A morte não existe, só há começo!”. E eu mesmo me dou a ordem definitiva que deveria receber pelo chat!

(Luz intensa em todo palco)

Erika: ... E como uma criança me diz: “Erika não vá, eu te amo!”. E quando ia lhe responder...

Pilar: Ouço uma explosão. E logo, vejo uma luz, uma luz brilhante. E entendo que esta é a luz de que tanto ouvi falar dos moribundos, a luz que lhes permite entrar na outra vida.

Dylan: E como já estava todo pronto, penso que é hora de escapar e viver nas montanhas, como tinha pensado. E começo a correr, mas ouço uma explosão única. Tudo tremeu e vejo uma luz brilhante que me fere os olhos.

Boris: É preciso parar esta carniceria. É preciso pulverizar a impunidade. É preciso dizer ao mais forte que não é invencível. É preciso revelar ao ódio que a loucura não tem medo dele!

Erika: A luz e o clarão vêm como um vento violento e ambos parecem dizer: “não há inocência onde se banham os culpados”. E lhe digo: “Você não ama ninguém, filho da puta. Você só ama a si mesmo.”

Pilar: A luz chegou, mas antes dela recebi uma rajada de vento terrível, metálico. Um vento forte como a fibra desse imigrante que entrega tudo pelo que não é seu.

Dylan: É terremoto, devastação, furacão, hecatombe, cataclisma, catástrofe. Me dá medo, muito medo. E penso: Eu não quero morrer, o que quero é matar.

Erika: Então, entendi.

Pilar: Isso era imigrar, como a Internet. Ir-se, sair daqui; Imigrar é este vento, esta luz e esta violência. Então, vi os homens que me estupravam e lhe disse: chegaram tarde, como sempre. Os homens chegaram tarde.

Dylan: Mas a boneca tira as agulhas e sai da sua tumba e seu olhar me derrete o cérebro. Vou correr, mas a luz me alcançou.

Boris: E disse para as ruínas: estou aqui, este é o meu martírio.

Erika: “Saberás e verdade e a verdade te fará um desesperado”

Pilar: E a verdade é:

Dylan: O terror não tem medo.

Pilar: “Tigre, tigre que flamejas/ Nas florestas da noite” (Semi escuro. Luz apenas em Pilar e em Boris.)

Pilar: O que significará o Tigre no poema?

(Tudo escuro, exceto em Boris.)

Boris: E tudo chegou até aqui.

*(Boris olha o público e marca um número em seu telefone.
Cinco refletores brancos fazem um clarão em frente ao público.
Ruído de conexão da internet.*

Fim)